

# “A taxa de juros poderia ser menor”

Ex-ministro do Desenvolvimento mostra preocupação com o dólar baixo e a balança comercial

ABR/Elza Fiúza

Guilherme Botelho

Com uma hora de atraso, o ex-ministro do Desenvolvimento, da Indústria e do Comércio Exterior entra em contato pelo telefone, praguejando contra o trânsito paulista. Com chuva e neblina, as ruas da metrópole, que tem 800 novos veículos por dia, estavam “como o diabo gosta”. O ex-presidente do Conselho de Administração da Sadia gosta de ficar em casa em dias como estes. Mas Furlan, ministro de 2003 até o ano passado, está em seu escritório na capital paulista dizendo ao **JB** que o Brasil precisa “desesperadamente” melhorar a infra-estrutura. O sócio da Galf Empreendimentos e presidente do Conselho de Administração da Fundação Amazonas Sustentável exemplifica o tamanho do rombo provocado pela desvalorização do dólar. A moeda americana vale hoje metade do que representava em 2003. Pior para a balança comercial.

**O Ministro da Fazenda anunciou quarta-feira pacote de medidas para conter a depreciação do dólar frente ao real. O que o senhor achou?**

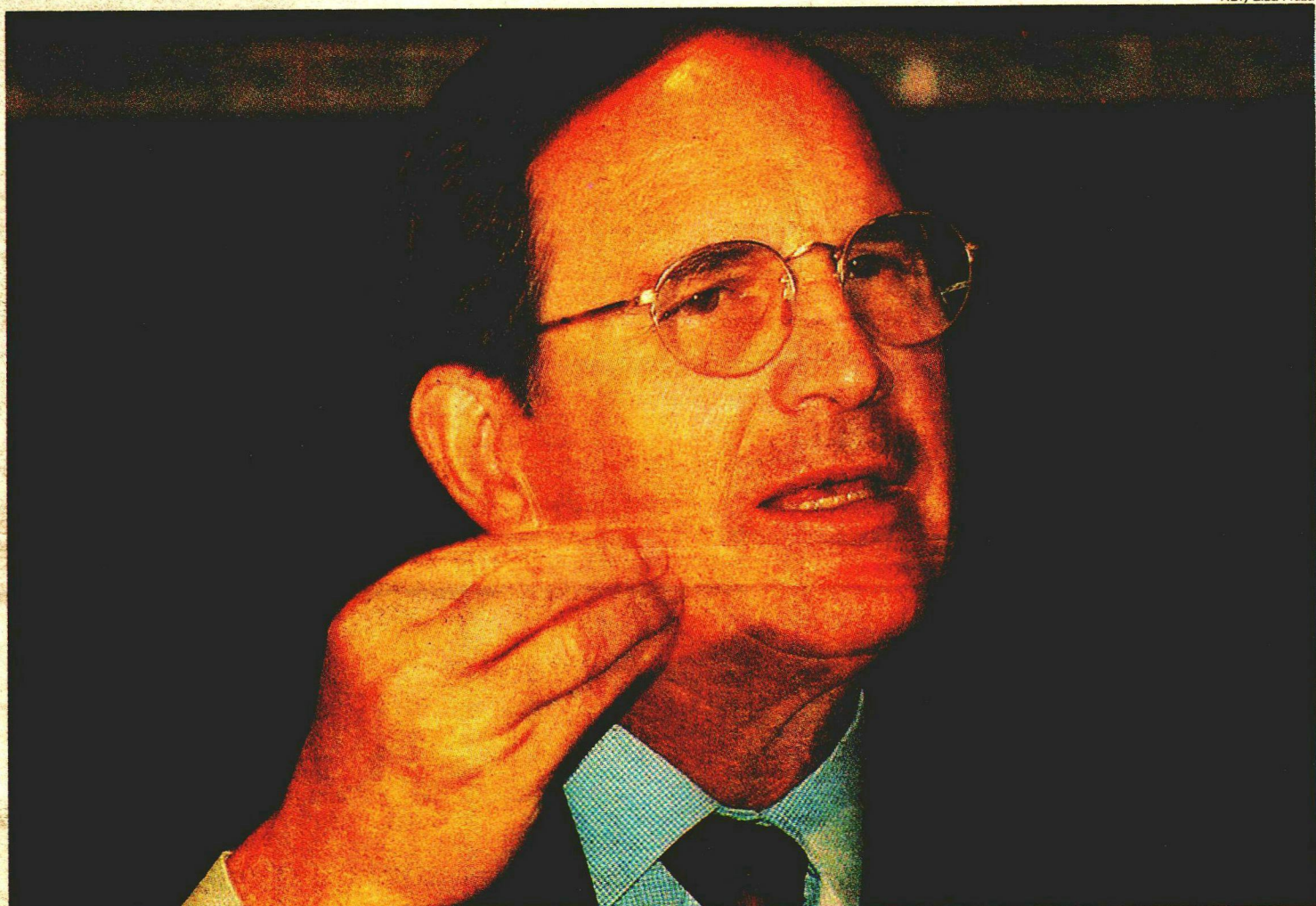
— São boas medidas. Na época do ministro Antonio Palocci foi feita uma experiência para permitir que 30% do volume exportado ficasse no exterior. O que está sendo feito agora é dar maior flexibilidade às empresas que exportam e importam de maneira a evitar custos de internação. Cada vez que uma empresa fecha câmbio, tem custos: vende pela taxa de compra e quando tem um pagamento no exterior, compra pela taxa de venda. Soma-se a isso IOF, que também foi extinto nessas transações, e o custo de transação para as empresas fica muito elevado, muitas vezes chegando a 2% da operação, dependendo do tamanho da empresa. É um bom caminho de simplificação e desoneração.

**Mas essas medidas serão suficientes para interromper as perdas na balança comercial?**

— Muito provavelmente elas serão insuficientes para reverter um processo muito consistente de perda de saldo da balança comercial, porque a taxa de câmbio hoje é metade do que era em 2003, quando o dólar custava R\$ 3,50.

**O Brasil cresceu 5,4% em 2007. Ainda está abaixo do crescimento de outros emergentes. O que fazer para ganhar musculatura no PIB?**

— O setor privado e o setor público precisam crescer. A porcentagem de investimento este ano é muito boa. Em áreas como da construção civil, há uma dinâmica muito representativa. Mecanismos modernos como o de concessões de serviços públicos, a exemplo do que foi feito esta semana aqui com o



**LUIZ FERNANDO FURLAN** — O ex-ministro do Desenvolvimento do governo Lula está agora à frente da Fundação Amazônia Sustentável

## >> Perfil

**Luiz Fernando Furlan**  
Empresário de 61 anos, sócio da Galf Empreendimentos, foi ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior de 2003 a 2007. Também atuou como presidente do Conselho de Administração da Sadia, empresa na qual ficou de 1978 até entrar no governo.

Rodoanel. O governo federal também promoveu concessão de linhas de transmissão, rodovias e ferrovias, como foi o caso da ferrovia do Nordeste.

**E os investimentos em infra-estrutura?**

— É um mutirão pela infra-estrutura o que está acontecendo nos âmbitos federal, estadual e municipal, com o setor privado nacional e estrangeiro. O Brasil precisa desesperadamente melhorar a infra-estrutura, não só para transporte de cargas, mas também para transporte urbano e de passageiros. Estamos despejando uma quantidade imensa de

veículos todos os dias. Só em São Paulo, temos 800 novos veículos todos os dias.

**O Brasil bateu recorde na venda de carros flex no ano passado.**

— Mas as ruas e as estradas são as mesmas. Os estacionamentos são os mesmos. Então é obrigatório o investimento em infra-estrutura.

**Por que isso ainda não foi solucionado?**

— Tem muita gente cética em relação ao crescimento. O próprio setor automotivo não acreditava na possibilidade de uma explosão de vendas. Em 2003, tivemos várias reuniões com o Ministério da Fazenda. Nessa época, o setor automotivo queria uma redução de impostos porque tinha uma capacidade ociosa muito grande. Até um ano atrás, para comprar um caminhão você tinha de 10% a 15% de desconto. Agora tem fila para comprar. De repente, houve uma percepção de que o crescimento era para valer, que o ciclo de prosperidade é sustentável. Houve uma melhora de renda, de consumo das famílias e ganho de produtividade.

**O consumo das famílias aumentou 6,5% em 2007 de acordo com o IBGE e impulsionou o crescimento do país. Com esse câmbio, o grande motor**

**do Brasil será mesmo o mercado interno?**

— Inversamente ao que aconteceu em 2003 e 2004, quando havia um acumulado de perda de renda familiar de 25%, as exportações eram o único caminho para “motorizar” o crescimento. A partir do segundo semestre de 2005, ficou claro que o motor da economia volta a ser o mercado interno. No final de 2005 já se percebia concretamente isso. Houve uma recuperação de renda, o índice de desemprego começou a cair com a criação de mais de 100 mil empregos por mês e a distribuição do Bolsa Família irrigou o interior.

**Como o Bolsa Família aumentou o consumo?**

— Quem recebe um recurso mensal vai comprar mais coisas básicas. E o governo distribuiu essa bolsa de forma inteligente, sem gerar grande esforço logístico, perdas por deterioração, ou corrupção na compra de cestas básicas. Deu em dinheiro, através de um cartão, de um cadastro.

**E a taxa de juros. Poderia ser menor?**

— É inegável que a política que foi adotada pelo Banco Central é bem sucedida. Mas acredito que a taxa poderia ser menor.

“Vários fatores aumentam os custos das empresas. Um deles é a burocracia, que apresenta um custo extraordinário.

“O Brasil precisa desesperadamente melhorar a infra-estrutura, não só para o transporte de cargas

“Tem muita gente cética em relação ao crescimento. O próprio setor automotivo não acreditava nele



ENTREVISTA | LUIZ FERNANDO FURLAN

Economia - Brasil

# "EUA são 15% do nosso comércio"

Continuação da pág. E1

**No Brasil, a capacidade de poupança é de 17% e na China é de 40%. Como isso pode atrapalhar nosso desenvolvimento futuro?**

— É outra cultura. Na China antiga, não havia produtos de consumo, pois era uma economia fechada. Os agricultores pouparam pois não tinham um sistema de aposentadoria. São circunstâncias diferentes. Agora, se o Brasil puder aumentar a poupança em até 5% do PIB nos próximos cinco anos, teríamos recursos para as obras de infra-estrutura e investimentos de longo prazo que o país necessita.

**A crise americana vai afetar o Brasil?**

— Certamente vai afetar, porém com uma intensidade módica. Hoje a economia brasileira está muito mais diversificada na sua dependência externa. Os EUA representam

apenas 15% do nosso comércio exterior, contra 25%, 10 anos atrás. Até mesmo os investimentos feitos no Brasil, antes predominantemente americanos, hoje têm uma diversificação maior.

**E quanto às bolsas, que começaram 2008 com alta volatilidade. O senhor acredita que o mercado terá algum sossego ainda este ano?**

— É surpreendente que esta volatilidade atinja mercados maduros como o japonês, o americano, o europeu e de vários países onde a oscilação de um dia é maior do que a inflação do ano.

**Os analistas acreditam que o país vai receber o grau de investimento ainda este ano. Caso isso se confirme, a tendência é que mais dólares entrem no Brasil. Isso não vai derrubar ainda mais a cotação da moeda americana?**

— Deve ter um limite para

“  
Estamos vendo hoje um descolamento ainda maior da taxa de juros do Brasil com a de outros países, que estão baixando

essa queda da moeda americana no Brasil. Você pode perceber que ativos no exterior cotados em dólar ficaram muito atraentes. Todos os dias vemos casos de empresas brasileiras comprando empresas no exterior.

**Caso o Brasil consiga o selo, será um ganho apenas para o mercado financeiro?**

— Acho que todo mundo se beneficia com o *investment grade* porque o risco país vai ter de cair. Então as empresas pode-

“  
O grande mercado para commodities é a China. Mas existem também os fundos de investimento que andam especulando

rão captar recursos a juros mais baixos. Ninguém tem dúvida de que obteremos o grau, resta saber quando.

**O senhor acha que ainda neste ano?**

— Vai depender de toda essa conjuntura externa. Em condições normais seria este ano. Mas como temos essa crise que ninguém sabe onde vai parar...

**Como será afetado o preço das commodities?**

— Já foi afetado muito positivamente. Hoje os preços das commodities agrícolas estão a níveis impensáveis há um ano. Estão muito altos. Vai haver uma acomodação mais adiante, mas a soja não vai voltar a US\$ 3 o bucho.

**Quem é o responsável pela alta do preço?**

— O grande mercado de commodities é a China. E os fundos de investimento andam especulando.

**Como andam as PPPs?**

— Isso está meio travado. Foi tentado no governo federal, alguns Estados conseguiram fazer alguma coisa e parece que o caminho certo é esse de concessões, como foi feito aqui com o Rodoanel e as estradas federais.

**O senhor acha que o BNDES está com o foco certo?**

— Eu acho que sim. O BNDES fez um trabalho para agilizar os procedimentos internos para demorar menos a analisar projetos.